

LIÇÃO 1

NOMINATIVO

Peço ao aluno a máxima atenção para as quatro primeiras lições. Quem não as estudar convenientemente jamais poderá compreender o mecanismo do latim.

1 — Numa oração nós podemos encontrar seis elementos:

- 1.º — o *sujeito*
- 2.º — o *vocativo*
- 3.º — o *adjunto adnominal restritivo*
- 4.º — o *objeto indireto*
- 5.º — o *adjunto adverbial*
- 6.º — o *objeto direto*

SUJEITO

2 — Vamos ver o que vem a ser **sujeito de uma oração**: Sabemos ser **verbo** toda a palavra que indica ação. Quem *escreve*, quem *desenha*, quem *pinta*, quem *anda*, quem *quebra*, quem *olha*, quem *abre*, quem *fecha* pratica ações diversas: ação de *escrever*, ação de *desenhar*, ação de *pintar* etc., ações expressas por palavras que se denominam **verbos**.

Ora, sabemos todos que é impossível uma ação sem causa, se uma xícara, por exemplo, aparece quebrada, alguém deverá ter praticado a ação de *quebrar*; ou uma pessoa, ou um animal, ou uma coisa qualquer, como o vento, quebrou a xícara. Pois bem, essa *pessoa* ou *coisa* que praticou a ação de quebrar é em gramática chamada **sujeito** (ou *agente*) da ação verbal:

3 — Qual a maneira prática de descobrir o sujeito de uma oração?

Suponha-se a oração "Pedro quebrou o disco". — Para que se descubra o sujeito da oração, é bastante saber quem praticou a ação de quebrar, isto é, quem quebrou o disco, o que se consegue mediante uma pergunta em que se coloque *que* ou *quem* antes do verbo:

Quem quebrou o disco?

Resposta: **Pedro.**

A resposta indica o sujeito da oração. Portanto o sujeito da oração é *Pedro*.

OUTROS EXEMPLOS: Descobrir o sujeito das seguintes orações:

Sócrates correu sobre a alma.

Pergunta: Quem correu sobre a alma?

Resposta: *Sócrates.*

Sujeito = **Sócrates.**

Os romanos honravam seus deuses.

Pergunta: Quem honrava seus deuses?

Resposta: *Os romanos.*

Sujeito = **Os romanos.**

Pedro foi ferido na guerra.

Pergunta: Quem foi ferido na guerra?

Resposta: *Pedro.*

Sujeito = **Pedro.**

Ao professor e ao pai do menino chegam reclamações dos colegas.

Pergunta: Que é que chega ao professor e ao pai?

Resposta: *Reclamações.*

Sujeito = **Reclamações.**

4 — Os elementos que vimos no § 1 vêm a ser a *função* que a palavra exerce na oração.

Se existem seis elementos, haverá naturalmente seis funções: a *função do sujeito*, a *função do vocativo*, a *função do adjunto adnominal restritivo* etc., conforme já sabemos.

Pois bem, para cada função existe, em latim, um **caso**.

5 — Que é *caso*? **Caso** é a maneira de escrever a palavra em latim de acordo com a função que ela exerce na oração.

Mas então as palavras em latim podem ser escritas de maneiras diferentes? — Sim; uma vez que em latim existem seis funções, ou seja, seis casos, uma palavra em latim pode ser escrita de seis maneiras diferentes.

6 — Os casos se distinguem pela terminação. Assim como em português a mesma palavra tem terminação diferente para indicar o *plural* e o *feminino* (flexão de número e flexão de gênero), em latim a mesma palavra tem terminação diferente para indicar a função que exerce na oração (flexão de caso);

se a palavra exerce função de sujeito, termina de uma maneira; se exerce função de objeto direto, termina de outra maneira; se exerce função de objeto indireto, termina ainda de outra maneira, e assim por diante, para as seis funções.

7 — Cada caso latino tem nome especial. Nós já sabemos o que vem a ser *função* de sujeito; pois bem; o caso que indica a função de sujeito chama-se **nominativo**.

Quer isso dizer que, no traduzir uma oração do português para o latim, o sujeito deve ir para o nominativo, e, vice-versa, quando, numa oração latina, nós encontramos uma palavra no nominativo, é sinal de que ela está desempenhando a função de sujeito da oração ou de que a ele se refere.

QUESTIONÁRIO

- 1 — Quantos elementos podemos encontrar numa oração?
- 2 — Quais são os elementos que podemos encontrar numa oração?
- 3 — Que é sujeito?
- 4 — Como se descobre o sujeito de uma oração?
- 5 — Construa 5 orações e ponha um traço debaixo do sujeito.
- 6 — Indique onde está o sujeito das seguintes orações (Copie frase por frase, inteira, sublinhando o sujeito):
 - a) A filosofia é a ciência de todas as coisas.
 - b) O fundamento da justiça é a fé.
 - c) O autor desse livro é Pedro.
 - d) De todas as coisas, a mais eficiente é o bom humor.
 - e) É necessária a moderação.
 - f) Nesse lugar foi encontrado um esqueleto.
 - g) São caducas as riquezas.
 - h) Nesse ano o rei morreu.

- 7 — Em latim, quantas funções podem desempenhar as palavras?
- 8 — Que é caso?
- 9 — Quantos casos existem em latim?
- 10 — Cada caso em latim tem nome especial?
- 11 — Como se distinguem os casos em latim?
- 12 — Conhece o nome de algum caso latino?
- 13 — Quando uma palavra exerce na oração a função de sujeito, em que caso deve estar no latim?
- 14 — Qual a função do nominativo?
- 15 — Nas seguintes orações, quais as palavras que devem ir para o nominativo?

(Proceda como na pergunta 6):

- a) O filho do vizinho estudou.
- b) O sol sempre ilumina a terra.
- c) A terra é iluminada pelo sol.
- d) Nem sempre a lua ilumina a terra durante a noite.
- e) O sol tem luz própria, ao passo que a lua não tem.
- f) A fonética constitui a primeira parte da gramática.
- g) O nominativo indica o sujeito da oração.
- h) O sujeito de uma oração vai em latim para o caso nominativo.
- i) Proceda mal o aluno que pretende acertar as respostas do questionário sem antes ter estudado bem a lição.

LIÇÃO 2

VOCATIVO

8 — O segundo elemento que nós podemos encontrar numa oração é o **vocativo**.

A função do vocativo é indicar *apelo*, *chamado*. Quando nós vemos um amigo e dizemos: “*Pedro*, venha cá” — a palavra *Pedro* está indicando *apelo*, *chamado*; a palavra *Pedro*, portanto, é **vocativo**.

Quando nós chamamos a atenção de alguma pessoa ou de alguma coisa, recorremos sempre ao vocativo. Consideremos a oração: “*Meninos*, estudem o ponto”. — Com essa oração, nós chamamos a atenção dos meninos; a palavra *meninos* é, pois, **vocativo**.

O caso que em latim indica a função de vocativo chama-se **vocativo** (do latim *vocare* = chamar).

9 — Note-se que o vocativo pode vir no começo, no meio ou no fim da oração:

no princípio: “*Meninos*, estudem a lição”.

no meio: “Estudem, *meninos*, a lição”.

no fim: “Estudem a lição, *meninos*”.

Observe o aluno que o vocativo vem sempre acompanhado de vírgulas; quando o vocativo inicia a oração, há uma vírgula depois; quando vem no meio, o vocativo se põe entre vírgulas; quando no fim da oração, põe-se uma vírgula antes.

Essa pontuação é sempre observada, tanto em português quanto em latim, de maneira que a própria pontuação indica ao aluno o **vocativo**.

10 — O vocativo, em português, ora vem constituído somente da palavra, ora vem acompanhado da interjeição *ó*:

1 — *Menino*, você não tem experiência da vida.

2 — *Ó menino*, você não tem experiência da vida.

O aluno não deve confundir o *ó* que aparece nos vocativos com o *oh!* que aparece nas orações exclamativas; o *oh!* das orações que indicam admiração vem com *h* e ponto de admiração, ao passo que o *ó* que às vezes acompanha o vocativo não deve vir com *h*.

GENITIVO

11 — O terceiro elemento que pode aparecer numa oração é o **adjunto adnominal restritivo** ⁽¹⁾.

Adjunto adnominal restritivo é o complemento que restringe um nome. Suponhamos a frase “*Casa de Pedro*”. — A casa podia ser de Paulo, de João, de Antônio etc., mas dizendo “*casa de Pedro*” nós restringimos a palavra *casa*. Portanto, *de Pedro*, ao mesmo tempo que completa o sentido da palavra *casa*, está restringindo, está especificando essa palavra.

Outros exemplos:

1 — O pêlo do *camelo* é quente.

2 — Os cultores da *filosofia* adquirem bela cultura.

3 — Vendi a fazenda de *vovô*.

12 — O aluno deve ter notado que o adjunto adnominal restritivo vem sempre acompanhado da preposição *de*. Isso não quer dizer que a preposição *de* indique sempre um adjunto adnominal restritivo; o que podemos dizer é o seguinte: Nem sempre a preposição *de* indica adjunto adnominal restritivo, mas o adjunto adnominal restritivo vem sempre antecedido da preposição *de*, e quase sempre encerra idéia de **posse**.

13 — O adjunto adnominal restritivo em português corresponde em latim ao caso **genitivo**.

14 — Se o adjunto adnominal restritivo em português vem sempre com a preposição *de*, acontece também que uma palavra que em latim está no **genitivo** sempre se traduz com a preposição *de*. Por outras palavras: Se a palavra “*Pedro*” está em latim no caso genitivo, nós devemos traduzi-la em português por “*de Pedro*”, e se em português encontramos a frase “*de Pedro*” devemos pô-la em latim no genitivo.

QUESTIONÁRIO

1 — Qual é o segundo elemento que nós podemos encontrar numa oração?

2 — Qual é a função do vocativo?

3 — Quantas posições pode ocupar na oração o vocativo?

4 — Qual a pontuação que o vocativo sempre exige?

5 — Construa três orações diferentes em que haja vocativo. Na 1.^a oração coloque o vocativo no começo; na 2.^a no meio; na 3.^a no fim.

(1) A nomenclatura gramatical brasileira, enquanto especifica os diversos adjuntos adverbiais, não faz o mesmo com os adnominais. A discriminação do restritivo aqui se impõe, ao mesmo tempo que acompanha tradicional procedimento da gramática latina — V. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, § 692.

- 6 — A simples pontuação pode indicar o vocativo? Por quê?
- 7 — Qual é o terceiro elemento que uma oração pode apresentar?
- 8 — Que é adjunto adnominal restritivo? Que idéia quase sempre encerra?
- 9 — Redija três orações em que haja adjunto adnominal restritivo.
- 10 — Qual é a preposição que em português sempre antecede o adjunto adnominal restritivo?
- 11 — O adjunto adnominal restritivo em português para que caso vai em latim?
- 12 — O genitivo latino como se traduz em português?
- 13 — Diga para que caso devem ir as palavras grifadas (*) das seguintes frases (Lembre-se o aluno de que até agora estudamos somente três casos, o nominativo, o vocativo e o genitivo — Copie frase por frase, escrevendo abreviadamente debaixo de cada palavra grifada o caso):
- Os soldados defendem a pátria.
 - Soldados, defendei a pátria.
 - O menino quebrou a perna.
 - O menino, não escreva dessa forma.
 - João, seu mano já voltou?
 - Seu mano João já voltou? (Não se esqueça o aluno de que a existência ou não de vírgulas indica a existência ou não de vocativo).
 - Pedrinho não vai ao cinema, Maria?
 - Por que Maria não quer brincar?
 - Por que, Maria, você não quer brincar?
 - A casa de meu amigo vai ser desapropriada.
 - Você viu, maninho, como a lição do professor foi instrutiva?
 - Nem sempre as árvores altas têm grande quantidade de galhos.
 - Homem de pouca fé, por que deixou seus filhos sem a luz da ciência?
 - João, que é feito do anel de sua irmãzinha?

LIÇÃO 3

DATIVO

15 — O aluno jamais poderá compreender o que vem a ser em latim o caso **dativo**, se não tiver perfeita compreensão do que é **objeto indireto** em português. Para que o aluno tenha conhecimento completo do assunto, aqui vou expor um ponto muito importante da gramática portuguesa, ponto que é base para a compreensão do **dativo** e também do **acusativo**, caso este que iremos estudar logo mais.

16 — Sabemos já o que é **verbo**, pela explicação dada no § 2, onde vimos que toda a ação tem uma causa, isto é, um sujeito, um agente.

Pois bem; como toda a ação requer uma causa, igualmente toda a ação produz um efeito.

Se, quando dizemos: “Pedro escreveu uma carta” atribuímos a causa a Pedro, da mesma maneira a ação de escrever produziu um efeito; qual o resultado da ação que Pedro praticou, ou seja, que é que Pedro escreveu? *Uma carta*.

(*) Uma palavra está grifada quando vem escrita com tipos diferentes.

Observando, entretanto, outros verbos, notaremos que a ação por eles expressa não produz, como no exemplo dado, nenhum efeito. Assim, quando dizemos: “O pássaro voou” — não perguntamos: “Que é que ele voou?” — Quer isso dizer que a ação fica toda ela no sujeito do verbo, sem produzir resultado algum.

Qual a razão da desigualdade entre esses dois verbos? É a seguinte: no primeiro caso, citamos um verbo de **predicação incompleta**, e no segundo, um de **predicação completa**.

17 — Que vem a ser **predicação**? — O verbo é chamado também predicado, porque atribui, *predica* uma ação a alguma pessoa ou coisa; pois bem, quando essa ação fica toda no sujeito, diz-se que o verbo é de **predicação completa**; quando não, ou seja, quando a ação, que o verbo exprime, exige uma pessoa ou coisa sobre que recair, diz-se que o verbo é de **predicação incompleta**.

A pessoa ou coisa que se acrescenta ao verbo para *lhe completar* a significação chama-se **complemento** ou *paciente da ação verbal*.

18 — Os verbos dividem-se, pois, em dois importantes grupos: verbos de **predicação completa** e verbos de **predicação incompleta**; verbo de predicação completa é o que não exige nenhum complemento, ou seja, é o que tem sentido completo; assim, são de predicação completa verbos como **voar, correr, fugir, morrer, andar**, porque nenhuma palavra exige depois de si; têm todos eles sentido completo; a água *voa*, a lebre *corre*, o ladrão *fugiu*, Pedro *morreu*, a criança *anda* — são orações constituídas de apenas dois termos, sujeito e verbo, sem nenhuma necessidade, para o sentido, de um terceiro termo. Tais verbos se chamam **intransitivos**.

Outra classe de verbos, bastante diferente dessa, é a dos verbos de **predicação incompleta**, isto é, verbos que exigem depois de si um complemento, ou seja, um termo que lhes complete o sentido: eu *escrevi*, ele *perdeu*, nós *seguramos*, Maria *ganhou* — não são orações de sentido inteirado, pois não sabemos que foi que eu escrevi, que foi que ele perdeu, que seguramos nós, que ganhou Maria; os verbos que nessas orações entram exigem um termo que lhes complete o sentido, e a oração toda passará a ter três termos: sujeito, verbo e complemento: eu *escrevi uma carta*, ele *perdeu a carteira*, nós *seguramos o ladrão*, Maria *ganhou um colar*.

19 — Verbos de **predicação incompleta**: Existem quatro espécies de verbos de predicação incompleta:

a) Verbos cuja ação passa **diretamente** para a pessoa ou coisa sobre que recaí.

Quando dizemos: “*Pedro estudou a lição*” — não colocamos nenhuma preposição entre *estudou* e *a lição*.

Toda a vez que a um verbo de predicação incompleta se seguir diretamente a pessoa ou coisa sobre que recaí a ação, esse verbo será **transitivo direto** (do latim *transire* = *passar*). Tal pessoa ou coisa sobre que recaí, **diretamente**, a ação verbal chama-se **OBJETO DIRETO**.

Exemplos de verbos transitivos **diretos**: *ver, beber, derrubar, pegar, segurar, deixar, abrir* etc.

b) Não podemos dizer: "Pedro *depende* o pai" — unindo diretamente ao verbo *depende* o complemento *o pai*. Empregando a preposição *de*, dizemos sempre: "Pedro *depende de* o pai". — O verbo *depende* é também de predicação incompleta (De que depende Pedro?), mas não é perfeitamente igual ao verbo *estudar*, porque se liga *indiretamente* (por meio de preposição) ao complemento.

Tais verbos são chamados **transitivos indiretos**, e o seu complemento se denomina **OBJETO INDIRETO**.

Exemplos de verbos transitivos indiretos: *gostar (de alguma coisa), obedecer (a alguma coisa), corresponder (a alguma coisa), recorrer (a alguma coisa)* etc.

c) Se um amigo, vindo-nos ao encontro, disser: *Eu dei* — imediatamente perguntamos: *Que é que você deu?* Prova isso que o verbo *dar*, como nos casos anteriores, é, também, de predicação incompleta. O amigo nos responderá, por exemplo: *Dei quinhentos cruzeiros*.

Estará perfeitamente completa a predicação do verbo? — Não, porque logo em seguida nos ocorre a pergunta: "*A quem deu você quinhentos cruzeiros?*"

Concluimos daí que o verbo *dar* é de predicação **duplamente incompleta**, pois exige não apenas um, mas dois complementos: um para especificar a coisa dada, outro para determinar a pessoa a quem a coisa foi dada: *Dei quinhentos cruzeiros a Pedro*.

Tais verbos são chamados **transitivos direto-indiretos**. Como transitivos diretos, pedem um complemento direto; como transitivos indiretos, outro, indireto.

Exemplos de verbos transitivos direto-indiretos: *conceder, levar, oferecer, contar, relatar, dizer* etc.

d) Quando dizemos *Pedro é bom*, não atribuímos a Pedro nenhuma ação, e, sim, uma *qualidade*, a qualidade de *ser bom*. Tais verbos são também de predicação incompleta (Que é Pedro?) e, consequentemente, requerem um complemento, com a diferença de ser este constituído de qualidade e não de pessoa ou coisa.

Mesmo quando se diz — *Pedro é pedra* — embora o complemento seja constituído por coisa (pedra), este complemento não é efeito de nenhuma ação praticada por Pedro, senão que indica um estado, uma qualidade de Pedro, a qualidade de ser como pedra.

Tais verbos são chamados **verbos de ligação**, e seu complemento se chama **PREDICATIVO** (jamais *objeto*).

Exemplos de verbos de ligação: *ser, estar, andar, ficar, permanecer* etc.

20 — REGÊNCIA VERBAL: Quando indagamos se tal verbo exige objeto direto ou indireto, ou quando, exigindo objeto indireto, procuramos saber se a preposição que o liga ao objeto deve ser *de* ou *por* ou *em* ou *a* ou *para* ou *em* etc., estamos procurando saber a *regência* do verbo.

21 — O caso que em latim representa a função de objeto indireto é o **dativo**.

Quero acrescentar ao que já disse sobre o objeto indireto a seguinte observação: Geralmente, o objeto indireto, em português, vem antecedido ou da preposição *a* ou da preposição *para*. Exemplos:

obj. indir.

Obedeço a meu pai

obj. indir.

Perdoo a essa criança

obj. indir.

Dei um livro a João

obj. indir.

Enviei para o tesoureiro

22 — Na frase: "Ele *me* obedece" o *me* é objeto indireto, porque constitui complemento de um verbo transitivo indireto.

Notas: 1ª — As formas obliquas *me, te, nos* e *vos* servem, indiferentemente, tanto para objetos diretos, como para objetos indiretos, ou seja, podem ser complementos tanto de verbos transitivos diretos como de verbos transitivos indiretos.

Exemplos: "Eu *te* amo" (objeto direto — verbo transitivo direto) — "Eu *te* obedeço" (objeto indireto — verbo transitivo indireto) — "Nós *vos* amamos" (objeto direto — verbo transitivo direto) — "Nós *vos* perdoamos" (objeto indireto — verbo transitivo indireto).

As formas pronominais obliquas *o* e *lhe* da terceira pessoa não podem ser usadas indistintamente; a forma obliqua *o* jamais poderá funcionar como objeto indireto, e a forma *lhe* jamais como direto. Comete erro gravíssimo quem diz: "Eu *lhe* vi", porque o verbo *ver* é transitivo direto, e, portanto, o obliquo deve ser *o*. Da mesma forma, erra enormemente quem diz: "Eu *o* obedeço", porque o verbo *obedecer* é transitivo indireto, e, portanto, o obliquo deve ser *lhe*.

O seguinte quadro elucida a questão:

O B J E T O S			
Direto (compl. de verbo trans. direto)		Indireto (compl. de verbo trans. indireto)	
SINGULAR	$\left\{ \begin{array}{l} \text{me} \\ \text{te} \\ \text{se, o} \end{array} \right.$	SINGULAR	$\left\{ \begin{array}{l} \text{me} \\ \text{te} \\ \text{se, lhe} \end{array} \right.$
PLURAL	$\left\{ \begin{array}{l} \text{nos} \\ \text{vos} \\ \text{se, os} \end{array} \right.$	PLURAL	$\left\{ \begin{array}{l} \text{nos} \\ \text{vos} \\ \text{se, lhes} \end{array} \right.$

24 — Vimos na letra d do § 19 que os verbos de ligação se completam com o predicativo (jamais objeto). Acrescentamos agora: Pode aparecer com tais verbos, além do predicativo, que é exigido pelo verbo para que tenha sentido completo, uma palavra que determine ou complete o predicativo, ou seja, uma palavra que manifeste relação de prejuízo ou benefício (interesse), proximidade, semelhança etc.: “Pedro é bom *para o pai*” — “Ele é favorável *a mim*” — “Isso não parece bom *para o povo*”. Substituindo esse complemento pelo correspondente pronome oblíquo, temos: “Pedro *lhe* é bom” — “Ele *me* é favorável” — “Isso não *lhe* parece bom”.

Essa espécie de objeto indireto (que iremos estudar na L. 92) vai em latim para o dativo, chamado *dativo de interesse*; pode às vezes equivaler a possessivo (“Não me aperte o braço” = não aperte meu braço), mas isso não significa que o possamos analisar como adjunto adnominal de braço. Em “Não me deixe de cumprimentar sua professora”, “Não me entre com os pés sujos”, o *me* não modifica nada; o melhor é analisar em português com a terminologia latina “dativo de interesse”.

23 — Assim como o objeto indireto em português vem geralmente antecedido da preposição *a* ou *para*, o dativo latino deve ser traduzido em português com essas preposições. Por outras palavras (preste atenção o aluno): Se para traduzir o objeto indireto “para João” emprega-se em latim o dativo, é sinal de que esse nome, se em latim estiver no dativo, deverá ser traduzido com a preposição *a* ou *para*, ficando “a João” ou “para João”.

QUADRO SINÓTICO DA PRESENTE LIÇÃO

VERBO (Quanto à Predicação)	predicação completa — intransitivo (sem objeto)	
	predicação incompleta	{ transutivo direto (objeto direto) (não há preposição entre o verbo e o complemento) trans. indireto (objeto indireto) (há preposição entre o verbo e o complemento) de ligação (predicativo)
	predicação duplamente incompleta	{ transutivo direto-indireto (dois objetos: um direto e outro indireto)

QUESTIONÁRIO

- 1 — Que se entende por *complemento*, quando se fala em “verbo quanto ao complemento”?
- 2 — Considerados quanto ao complemento, todos os verbos são iguais? Por quê?
- 3 — Que é verbo de predicação completa? Que “outro nome tem”? Exemplos.
- 4 — Quantas espécies existem de verbos de predicação incompleta? Definir cada espécie e exemplificar com orações. (O aluno deve esmerar-se no responder a esta pergunta, porquanto versa sobre um dos mais importantes assuntos. O § 19 deve ser aqui todo explicado pelo aluno, com termos próprios e exemplos abundantes).
- 5 — Como se denominam os complementos dos verbos de predicação incompleta?
- 6 — Os verbos de ligação podem vir com objeto indireto? Como se chama em latim esse dativo? Dê um exemplo (V. nota do § 22).
- 7 — Como se chama o complemento do verbo estar? Por quê?
- 8 — Que se entende por *regência* quando se estuda o verbo quanto ao complemento?
- 9 — Faça o quadro sinótico do estudo do verbo quanto ao complemento.
- 10 — Qual é o quarto elemento que pode aparecer numa oração?
- 11 — Que é objeto indireto?
- 12 — O objeto indireto vem sempre antecedido de preposição? (Se a resposta for positiva, declarar qual ou quais são as preposições que antecedem o objeto indireto).

13 — Redija duas orações em que haja objeto indireto com a preposição *ir*, *vir* nem nenhum outro que indique a preposição *para*. (Não empregue os verbos *ir*, *vir* nem nenhum outro que indique movimento).

14 — O objeto indireto português para que caso vai em latim?

15 — O dativo latino como se traduz em português?

16 — Diga para que caso devem ir as palavras grifadas das seguintes orações:

a) O sol fornece luz a todos.

b) O cão do vizinho desobedeceu-me.

c) Dei-lhe peras em quantidade.

d) Meninos, perdoai aos inimigos.

e) Maria e seu irmão não nos deram o prazer de visitar-nos.

LIÇÃO 4

ABLATIVO

24 — Já vimos o que vem a ser adjunto adnominal restritivo: vimos também o que vem a ser complemento de verbo (objeto direto, objeto indireto, predicativo). Vejamos agora o que vem a ser *adjunto adverbial*.

25 — Se à oração: “Pedro morreu” (de sentido perfeitamente completo, pois o verbo é intransitivo e, como tal, nenhum complemento pede) acrescentarmos uma *circunstância*, a de lugar, por exemplo, dizendo: “Pedro morreu no rio”, “no rio” constituirá um *adjunto adverbial*.

O adjunto adverbial, pois, não é exigido pelo verbo. Os objetos diretos e os indiretos e o predicativo são também complementos, mas são exigidos para a inteira compreensão do verbo.

26 — Diversas são as espécies de *adjuntos adverbiais*:

LUGAR — *onde*: Estou na sala.

donde: O avião vai sair do campo.

por onde: Vim pelo melhor caminho.

TEMPO — *quando*: No verão os corpos se distendem.

há quanto tempo: Somos assim desde crianças.

MODO — Não peça com tanta insistência.

COMPANHIA — Farei fortuna com meu irmão.

INSTRUMENTO ou MEIO — Comemos com garfo.

CAUSA — Quebrou-se por culpa do menino.

MATÉRIA — Anel de ouro.

Obs. — Esses e outros adjuntos adverbiais são futuramente estudados um a um.

BIBLIOTECA

27 — Existem outros tipos de adjuntos adverbiais, mas, em regra geral, podemos dizer o seguinte: O caso que em latim representa o adjunto adverbial é, *geralmente*, o **ablato**.

Quer dizer que os substantivos grifados no § anterior (*sala, campo, camião, garfo, culpa, ouro*) devem em latim ir para o ablativo.

28 — Vimos no § 14 a maneira prática de reconhecer e traduzir o genitivo; no § 23 aprendemos o mesmo com relação ao dativo. E o ablativo? Este caso tem mais aplicações, pois se presta para traduzir grande parte das muitas espécies de adjuntos adverbiais. Não é possível dar-lhe uma correspondência exata em português, mas, para norma geral, adota-se a preposição *por* (*pelo, pela, pelos, pelas*) para traduzir o ablativo e, vice-versa, quando numa frase portuguesa uma palavra vem antecedita dessa preposição traduz-se em latim pelo ablativo.

ACUSATIVO

29 — O sexto e último caso latino é o **acusativo**.

30 — Vimos na lição 3 o que é objeto direto; pois bem, o objeto direto traduz-se em latim pelo acusativo.

Quadro dos casos e respectivas funções:

NOMINATIVO	—	sujeito.
VOCATIVO	—	apelo — Ó
GENITIVO	—	adjunto adnominal restritivo — DE
DATIVO	—	objeto indireto — A ou PARA
ABLATIVO	—	adjuntos adverbiais, em geral — POR
ACUSATIVO	—	objeto direto — SEM PREPOSIÇÃO

QUESTIONÁRIO

- 1 — Quais os complementos que estudamos até agora?
- 2 — Que é adjunto adverbial?
- 3 — O objeto direto e o indireto são também adjuntos adverbiais? Por quê?
- 4 — Construa 5 orações em que haja adjunto adverbial.
- 5 — O mais das vezes, para que caso vai em latim o adjunto adverbial?
- 6 — Qual é o sexto e último caso latino?
- 7 — Que é objeto direto?
- 8 — Construa 5 orações em que haja objeto direto, sublinhando-o.

9 — Quando uma palavra, em português, exerce função de objeto direto, para que caso deve ir em latim?

10 — Diga que função exercem as palavras grifadas das seguintes orações, e, a seguir, para que caso devem ir no latim: (1)

a) Estávamos conversando na sala, quando vimos, pelo buraco da fechadura do quarto fronteiriço, um ladrão que, tendo fugido da prisão, dirigiu-se a nossa casa com o intuito de roubar nossas coisas.

b) Orfeu arrastou com o seu canto as florestas e as pedras.

c) Vivendo com economia, Pedro e Paulo podem enviar dinheiro para seus pais.

d) Fugiu por descuido do guarda.

e) Pedro feriu o irmão com uma pedra.

f) Os homens livres dão à humanidade conforto e satisfação.

g) Os governos discricionários nenhuma garantia oferecem ao cidadão.

h) Não conquisto simpatia com promessas mas com fatos.

LIÇÃO 5

FLEXÃO

31 — Afinal, que vem a ser *flexão*? — **Flexão** é a propriedade que têm certas classes de palavras (a dos substantivos, a dos adjetivos, a dos pronomes e a dos verbos) de sofrer alteração na parte final, isto é, na última sílaba.

Quando se diz que uma palavra é **variável**, entende-se que a palavra tem terminações diferentes; quando se diz que uma palavra é **invariável**, entende-se que não sofre nenhuma alteração.

32 — Nas palavras variáveis dá-se o nome **desinência** à parte final flexível. Podemos definir: **Desinência** é a parte final variável de uma palavra, através da qual é indicada a relação gramatical entre essa e outras palavras. Dá-se o nome **tema**, ou **radical**, à parte que resta da palavra tirando-se a desinência.

Na palavra *estudiosos* a desinência é o "o" final, porque pode ser mudado para *a* (*estudios-a*), para *os* (*estudios-os*), para *as*: *estudios-as*. O restante — *estudios* — vem a ser o **tema** (ou **radical**).

Compare-se a desinência com a ponta de uma lapiseira: as pontas podem ser trocadas, ao passo que a lapiseira é sempre a mesma; as **pontas** vêm a ser as desinências, a lapiseira vem a ser o radical.

Como se descobre o radical de uma palavra latina? Descobre-se, praticamente, tirando-se fora a desinência do genitivo singular (V. § 39).

33 — Sabe já o aluno o que vem a ser *caso* (Lição 1); sabe também o que vem a ser *flexão*; deve portanto compreender o que vem a ser **flexão de caso**: Variação que sofre a palavra na desinência, de acordo com a função que exerce na oração.

34 — Vimos na lição 1 que existem seis casos em latim. Devemos agora saber que os substantivos, em latim, distribuem-se em cinco grupos, isto é, nem todos os substantivos em latim terminam da mesma maneira. Cada

(1) Exemplo: *Pedro* estuda no *colégio*.
adjunto adv. de lugar onde — abl.

grupo de casos, ou seja, cada grupo de flexões recebe o nome **declinação**. Declinação é, portanto, o conjunto de flexões de determinado grupo de substantivos.

35 — Uma vez que existem cinco grupos de flexões, existem também cinco declinações, que recebem por nome um número ordinal: 1.^a, 2.^a etc.:

primeira declinação;
segunda declinação;
terceira declinação;
quarta declinação;
quinta declinação.

36 — Todas as declinações possuem *singular* e *plural*; há, portanto, seis casos para o singular e seis para o plural; ao todo, 12 flexões:

	SINGULAR	PLURAL
Nominativo		Nominativo
Vocativo		Vocativo
Genitivo		Genitivo
Dativo		Dativo
Ablativo		Ablativo
Acusativo		Acusativo

Declinar uma palavra é recitar a palavra em todos os casos, tanto do singular como do plural.

37 — A ordem dos casos não tem importância; o aluno pode, num exame, declinar uma palavra em qualquer ordem; é necessário que declare, então, caso por caso, qual o que vai dizer.

Nestas lições adotaremos sempre a ordem que ficou exposta no parágrafo anterior.

38 — Quando o substantivo designa ser animado, fácil é dizer se a palavra é do gênero masculino ou feminino; quando, porém, designa ser inanimado, isto é, coisa, a palavra pode em latim ser masculina, ou feminina, ou neutra.

Neutro quer dizer "nem um nem outro", isto é, nem masculino nem feminino. Assim, *bellum* (= guerra), *flumen* (= rio), *caput* (= cabeça) são palavras neutras, com terminações especiais em certos casos, conforme iremos ver.

Há, portanto, em latim que se considerar o gênero dos substantivos, coisa que iremos estudar quando virmos as declinações.

39 — Como descobrir a que declinação pertence um substantivo? Os bons livros de exercícios e os bons dicionários latinos sempre trazem, logo

após a palavra, ou o genitivo completo ou uma ou algumas letras que indiquem o genitivo singular da palavra; como esse caso é diferente em todas as declinações, serve para especificar a declinação a que pertence a palavra. Eis o genitivo singular das cinco declinações:

Declinações	1. ^a	2. ^a	3. ^a	4. ^a	5. ^a
Genitivo sing.	ae	i	is	us	ei

Se, no procurar uma palavra no dicionário, encontramos "rosa, ae", sabemos que é da 1.^a declinação; se a palavra que procuramos é "fons, fontis", sabemos que é da 3.^a declinação; se é "bellum, i", sabemos que é da 2.^a, e assim por diante.

De igual maneira, quando lhe perguntarem como é **fonte** em latim, responda sempre dizendo **fons, fontis** (ou seja, é preciso declarar o nominativo e o genitivo), e não somente **fons**.

Como já vimos no § 32, o que sobra da palavra, **tirando-se a desinência do genitivo singular**, constitui o **radical** da palavra:

radical	ros	—	ae
	<i>bell</i>	—	i
	<i>font</i>	—	is
	<i>man</i>	—	us
	<i>di</i>	—	ei



QUESTIONÁRIO

- 1 — Que é flexão?
- 2 — Quais as classes de palavras variáveis?
- 3 — Que se entende quando se diz que uma palavra é invariável?
- 4 — Que é desinência?
- 5 — Que é tema?
- 6 — Nas seguintes palavras portuguesas, indique o radical e a desinência: falso, quadro, caderno, livro, feijão, pedra.
- 7 — Que é flexão de caso?
- 8 — Que é declinação?
- 9 — Quantas declinações há em latim?
- 10 — Qual é o total de flexões de uma declinação?
- 11 — Que é declinar uma palavra?
- 12 — Cite, na ordem, os seis casos latinos.
- 13 — Que é gênero neutro?